

Comunicação Alternativa, Ideologia e Pós-modernidade: a perspectiva do jornal Lampião

Muriel Emídio Pessoa do AMARAL¹

Resumo: O artigo tem como objetivo apresentar a relação entre a produção da comunicação alternativa, a ideologia e a pós-modernidade, tendo como recorte o jornal Lampião, que circulou na década de 1970/80 com a proposta de ser um veículo de representação da identidade de homossexuais e outras minorias sociais. A relação tríade dessas esferas ocasionou a reformulação cultural e estabeleceu uma nova ordem cultural para a produção de conhecimento e disseminação da informação devido à interferência da tecnologia e desdobramentos do modo de produção capitalista. Sob a ótica de pensamentos marxistas da Escola de Frankfurt e da filósofa Marilena Chauí são apresentados os conceitos de ideologia. Quanto à contextualização dos veículos alternativos foram revisadas as reflexões de Regina Festa e Carlos Eduardo Lins da Silva, as concepções de Stuart Hall para explicar o fenômeno da pós-modernidade, as relações sociais apresentadas por Nestor Garcia Canclini, Roberto S. C. Moreira e José Marques de Melo e os pensamentos de Regina Fachinni e Júlio Assis Simões para compreender o contexto da diversidade sexual no Brasil e aspectos do jornal Lampião.

Palavras-chave: comunicação alternativa, ideologia, pós-modernidade, cultura, identidade

Contexto histórico

As reflexões contidas nesse trabalho tangem à questão do processo ideologizante dentro do universo da comunicação, tendo com referência a morte dos veículos alternativos, muito frequentes como artefatos de manifestação de ideais e circulação de pensamentos muitas vezes oprimidos.

Os veículos alternativos eram, nos anos de 1960 e 1970, produções clandestinas, sem periodicidade regular e de acabamento gráfico precário. Entretanto, se tornam ferramentas de denúncias nos períodos mais críticos em que vozes e pensamentos eram ceifados por conta do regime militar pelo qual o Brasil passava. A situação social de governo ditatorial demoliu as estruturas da democracia, instaurando uma das fases mais delicadas para a imprensa nacional. Não que a democracia e a liberdade de imprensa/expressão sejam contempladas de forma completa no Brasil, todavia, durante o regime militar (1964-1985), houve mortes a quem ousasse ultrapassar a linha do

¹ Aluno regular do Programa de Mestrado em Comunicação da Universidade Estadual Paulista – Unesp/Bauru.

permitido, censura à imprensa e a tudo àquilo que levantasse suspeita contra a moral cívica.

E houve quem enfrentasse essa condição que, corajosamente, abraçaram alguma causa de cunho social e manifestaram a intolerância frente às condições políticas do país e em movimentos sociais, agremiações de pessoas ou sindicato de trabalhadores empenharam forças pela democracia. A coragem se refere não apenas às condições ideológicas para que os veículos circulassem, mas também as condições financeiras, escassez de anunciantes e dificuldades de circulação. Os movimentos sociais tiveram uma parcela de participação nesse contexto para a formação de movimentos de resistência ao poder instaurado.

Os movimentos sociais não ocorrem por acaso. Eles têm origem nas contradições sociais que levam parcelas ou toda uma população a buscar formas de conquistar ou reconquistar espaços democráticos negados pela classe de poder (FESTA;SILVA, 1986, p. 11).

Com isso, os movimentos sociais são frutos da ocorrência de conflitos de classe que, objetivando a pulverização do poder, organizam manifestações de resistência que culminaram em ações e protestos populares. Como é o caso dos movimentos da classe operária no ABC, em São Paulo, e das ações desenvolvidas pelas Comunidades de Eclesiais de Base (CEBs), apoiadas pela Igreja Católica, grupos de pessoas se organizaram pelo país reivindicando melhores condições de vida tanto na cidade quanto no campo. Apoiados nessa relação é que os meios de comunicação alternativos se prosperaram no intuito de dar voz às vozes abafadas pelo sistema de poder.

Essa condição é exclusiva do Brasil. Outros países da América Latina foram palco de golpes de estado e instauraram regimes ditatoriais como o governo de Augusto Pinochet, no Chile, (1973-1990) e na Argentina, pelos militares (1966-1976/1976-1983), até mesmo a condição de Cuba, sob o governo de Fidel Castro, que em 2008, passou o comando do país ao irmão, Raúl Castro, depois de mais 40 anos no poder. A condição de ditatorial da América Latina traria déficit não apenas nos quadros sociais e econômicos dos países afetados, mas também no desenvolvimento dos processos comunicacionais dessas nações.

Tal deficiência do processo comunicacional se refere aos estudos de composição da comunicação como uma ciência que tange à matemática, pensados por Claude Elwood Shannon. A teoria desse matemático americano estabelece que a comunicação é

a informação que se origina de um ponto, passa por um meio e recebida por outro ponto de forma decodificada, podendo haver o retorno/manifestação dessa mensagem (feed-back) (MATTELART, MATTELART, 1997)². Ainda mais em espaços em que não há o feed-back dessa informação. Em nações que passaram por ditaduras em que a liberdade de imprensa e de expressão se encontraram limitadas, houve a debilidade de informação oferecida, bem com a deficiência de absorvência das informações oferecidas. E mais uma vez, entra em cena o conflito de classe originado pelo poder que emana da concentração da comunicação pelas classes dominantes.

Grinberg (1987) considera que a cristalização dos processos comunicacionais, um advento complexo e multifacetado, é negar ao cidadão a plenitude da participação da vida social.

Ao limitar a capacidade de emissão aos grupos minoritários que não detém o poder político e econômico, as maiorias sociais são mantidas e transformadas em massas meramente receptoras de mensagem. Causando assim, desequilíbrio na taxa de emissão e recepção da mensagem e com essa desigualdade no eixo recepção-emissão coloca a América Latina no próprio centro das desigualdades e das contradições sociais nos diversos sistemas econômicos e políticos (GRINBERG, 1987, p. 11).

O surgimento de veículos alternativos que objetivavam a concretização da democracia no Brasil teve três fases distintas, sendo apresentando em três processos diferentes (FESTA, 1987) devido às épocas em que ocorrem por conta das condições de organizações sociais em que o país se encontrava quanto à liberdade de expressão e censura aos veículos de comunicação.

A primeira fase, que corresponde ao período de 68 a 78 – entre o AI-5 e a abertura política – caracteriza-se por uma comunicação de resistência, denúncia e acumulação de forças por partes da oposição; a segunda fase, de 78 a 82, período de explosão social, eleições nacionais, abrandamento das restrições políticas, caracteriza-se por projetos políticos mais definidos e pela existência de uma comunicação popular, multiplicadora de meios nas bases e pelo quase desaparecimento da comunicação alternativa; e o terceiro período, de 82-83, caracteriza-se por uma atomização do processo de comunicação popular e alternativa na mesma medida que reflete a incapacidade das forças de oposição para articularem uma alternativa política à

² Com o aprimoramento do conhecimento da comunicação como uma ciência, esse pensamento foi superado por outras teorias e reflexões (Schramm, 1955, 1977) Berlo (1960), mas de algum modo mantiveram o cerne do modelo origem-fim proposto por Shannon.

crise atual vivida pela sociedade brasileira. (FESTA; SILVA, 1986, p. 10)

A necessidade da produção de informação de modo alternativo, segundo alguns autores é quanto ao papel desse tipo de modalidade de veiculação (FESTA; SILVA, 1986; GRINBERG³, 1987; KUCINSKY, 1991)). A comunicação alternativa veio para preencher lacunas deixadas pelo modo de produção de informação capitalista, oferecendo outro método de reflexão ideológica sobre as estruturas de poder e comunicação de uma nação, seja devido ao monopólio estatal ou uma forma indireta de informação.

Com essa reflexão, acredita-se também no papel da ideologia como mola precursora dos movimentos sociais e do surgimento dos veículos alternativos. E o que seria esse conceito que motivou a organização de cidadãos em busca de saídas envolvendo questões de ordem sociais e oferecer ações de resistência frente às camadas detentoras de poder?

Muito embora haja várias teorias para a definição do termo ideologia (a exemplo Durkheim (1895), Comte (1826), Tracy (1801,1815), Mannheim (1986), para essa pesquisa serão adotadas as reflexões de Karl Marx sobre a teorização do termo ideologia. Para o filósofo alemão, a ideologia é um processo se constrói tendo como dissociação entre a história e a produção de ideias, ou seja, são duas entidades que não dialogam para a formação da ideologia, havendo conflito para o surgimento do pensamento ideológico.

[...] teremos que analisar a história do homem, pois quase toda a ideologia se reduz ou a uma concepção distorcida da história ou a uma abstração completa dela. A própria ideologia não é senão um dos aspectos dessa história (CHAUÍ, 1984, p.34-35).

Dessa forma, a ideologia pode ser um processo mutável decorrente da ação do indivíduo em relação ao seu papel social, inserido na história. O pensamento marxista não apresenta a dissociação entre história e concepção de ideias no sentido meramente distintos, mas sim, de um processo dialético de reconsideração de conceitos e ações de resistência do indivíduo que em grupo social pela história. Para o filósofo a história é

³ Grinberg (1987) considera também que a comunicação alternativa é uma modalidade oposta aos princípios dos meios de comunicação de massa, devido a sua estrutura tecnológica tradicionalmente unidirecional. Neste sentido, ao mesmo tempo que assinala os diversos níveis possíveis do alternativo (entre os quais incluem os meios de comunicação de massa), insiste que a unidirecionalidade pode ser superada por esses meios.

um processo natural e a produção de ideias é que intervém no desenvolvimento histórico para a produção do pensamento ideológico. Por isso a necessidade da resistência que visa a reformulação dos espaços e condições naturalizadas da sociedade.

Ainda dentro do pensamento marxista, a ideologia se torna um advento relacionado com o modo de produção de trabalho e as articulações e relações das forças produtivas. No universo das relações de trabalho há três condições que se articulam para formação do trabalho: econômica, jurídico-política e ideológica (MOREIRA, 1979). Essa relação estabelece a existência das classes dominantes para que não haja a mudança social, permanecendo o percurso histórico natural, e a solidificação da estrutura econômica é considerada determinante para a marmorização dessa condição. E no intuito de promover a diferença dessa condição é que surgem movimentos de resistências e originam-se as classes sociais.

No esforço de produzir a sua existência, o homem opõe as forças produtivas às forças naturais. O grau de domínio alcançado sobre a natureza é decorrência do grau de desenvolvimento das forças produtivas e a este corresponde sempre uma determinada forma das relações sociais. Em outras palavras, o nível de existência produzido pelo homem é decorrência do grau de desenvolvimento das forças produtivas (domínio da natureza mais relações sociais). (MOREIRA, 1979, p.44).

Com essas reflexões, pode-se chegar à conclusão de que a comunicação alternativa tem uma relação direta com os conceitos acerca da ideologia e os movimentos sociais e conflitos de classe. Esse modelo de comunicação estimula a comunicação através de canais alternativos, contemplando a abrangência e fortalecimento da comunicação como um artefato de poder simbólico.

Para o teórico em comunicação José Marques de Melo (1985) acredita que a comunicação pode ser interpretada como poder simbólico, pois está diretamente associada a questões de cidadania e à vida coletiva do indivíduo. E em estados que não contemplam a comunicação de uma forma geral tende a estabelecer classes com deficiência de conhecimento, informação e cultura.

A *comunicação*, na sociedade de classes, assumiu a feição de privilégio daquele que, atuando como depositários do saber coletivo das experiências acumuladas, do simbolismo agregador da vida social, tornaram-se *trabalhadores cerebrais*, converteram-se em *intelectuais*.

Originalmente um *direito de todos*, a comunicação se tornou um privilégio de poucos.

[...] um instrumento de *cooperação produtiva*, de participação social, a comunicação tornou-se um artifício de *dominação*, de *controle social*.

[...] um processo de *diálogo*, de *ação comum*, a comunicação tornou-se um canal de *monólogo*, de *informação*, do intercuro entre protagonistas que ocupam papéis diferenciados na estrutura social (com grifos do autor). (MELO, 1985, p. 12).

Essa é a concepção social que originou os movimentos de criação da imprensa alternativa no Brasil. Dentro dessa onda de protesto é que no final da década de 1970 é lançado o mais representativo veículo de comunicação direcionado à diversidade sexual: o jornal Lampião da Esquina, que logo na segunda edição se tornou apenas Lampião.

Acendendo o Lampião

O jornal teve primeiramente a proposta de circular mensalmente. Mas devido às condições de produção e deficiência quanto à logística para disponibilizá-lo nas bancas, a periodicidade foi prejudicada, mesmo com algumas adversidades, o jornal se destacou pela importância na promoção e visibilidade da diversidade sexual e também pelo fortalecimento da identidade de homossexuais e outros temas que, muitas vezes, eram abafados pela grande mídia como assuntos referentes à ecologia, direito da mulher, questões de raça e indígenas. O jornal foi concebido dentro da terceira geração de publicações alternativas, ou seja, já não havia mais a censura tão imponente para a imprensa⁴.

A publicação foi fruto do grupo de ativistas de ações sociais de militância em defesa dos direitos aos homossexuais, que nasceu em São Paulo na década de 1970, mais precisamente em 1978. Depois da visita de Winston Leyland, editor da revista americana Gay Sunshine Press, em 1977, um grupo de jornalistas, artistas e pessoas que se simpatizavam com a causa homossexual tiveram a iniciativa de promover um jornal para esse público. Sob o comando de João Antonio Mascarenhas, o jornal passou a ter a

⁴ O jornal Lampião não foi a primeira publicação direcionada ao público gay, mas pode ter sido o mais importante quando o assunto é abrangência e ideologia. Antes do surgimento o jornal, outros já circularam pelo país em edições anteriores no Rio de Janeiro e São Paulo como é o caso do jornal O Snob, Le Femme, Subúrbio à Noite, Gente Gay, Aliança de Ativistas Homossexuais, Eros, La Saison, O Centauro, O Vic, O Grupo, Darling, Gay Press, 20 de Abril, O Centro, O Galo, Os Felinos, Opinião, o Mito, Le Sophistique. E em Salvador (BA) com Fatos e Fofocas, Zéfiro, Baby, Little Darling, que mais tarde passou a ser chamado de Ello. Além de colunas semanais ou quinzenais em outros veículos de circulação de maior abrangência. No Brasil, houve a criação da Associação Brasileira de Imprensa Gay, que durou entre 1962 e 1964, mas a entidade foi fechada pelo regime militar (LIMA, 2007).

participação de nomes de peso do cenário cultural da época como Aguinaldo Silva, Clóvis Marques, Darcy Penteado, Jean-Claude Bernadet, João Silvério Trevisan, Peter Fry, entre outros. As atividades desenvolvidas por grupos como esse (SIMÕES; FACHINNI, 2009) objetivavam promover e difundir novas formas de representação da homossexualidade, contrapostas às conotações de sem-vergonhice, pecado, doença e degeneração. Essa intenção estava explícita ainda na primeira edição do jornal (ou melhor, a edição de número 0) no editorial, como uma forma de tirar “da clandestinidade a figura do homossexual”⁵ e oferecê-lo através da comunicação formas de fortalecimento da identidade e representação da diversidade sexual.

Essa proposta do jornal vai de encontro com as teorias de Nestor Canclini (CANCLINI, 2002) ao relatar que o consumo de informações por meios de informação é também uma garantia e manifestação de cidadania e também do pensamento do teórico latino-americano José Marques de Melo (1986), já citado nesse trabalho, sobre a questão da comunicação como participação da vida coletiva e disseminação de informação e conhecimento.

A repercussão do jornal não se limitou apenas na contemplação das páginas da edição, mas se estendeu aos debates com a comunidade civil, homossexuais e o meio acadêmico. No ano de 1979, os estudantes do curso de Ciências Sociais da Universidade de São Paulo (USP) criaram grupo Somos, que ser um movimento social que visava direitos de cidadania a indivíduos LGBTT (lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais), que, embora com outra roupagem e reconfigurações, ainda permanece em atividade.

O jornal foi diferente pela proposta diferente ao que se tinha conhecido da imprensa homossexual no Brasil. Além do grupo ser formados por profissionais de peso na cultural nacional, o jornal tentou desmistificar a imagem do homossexual e também trazer à tona discussão sobre sociabilização e cidadania para LGBT. Essa tentativa pode ser evidenciada principalmente nos editoriais e nas cartas dos leitores, espaço que foi adotados pelos leitores como canal para encontros e amizades.

De alguma forma, as intenções do Lampião renderam bons frutos. A própria condição histórica de a imprensa gozar de certa liberdade para manifestação e a ação dos movimentos sociais deram apoio para que a publicação não passasse em branco, tirando o homossexual do limbo das discussões e o colocando para o cerne de vida

⁵ LAMPIÃO. Rio de Janeiro: Editora Codecri, ano 0, nº0, 1978.

coletiva. Logicamente, *Lampião* não conseguiu esse redimensionamento sobre a cidadania dos excluídos, tão pouco tirou esses indivíduos dos guetos a que eram destinados socialmente. Mas a publicação se tornou um dispositivo alternativo para essa condição tão marmorizada da sociedade, oferecendo reflexão para a situação do homossexual na sociedade, uma espécie de “ter direito a ter direito”, um primeiro passo para o começo de discussões mais sólidas.

O *Lampião* se apaga

A iniciativa do jornal repercutiu por 31 edições, chegando ao final em 1982. A curta vida da publicação deixou marcas para o movimento social e também para a representação da comunicação como forma de cidadania.

O objetivo de luta de *Lampião* foi o mesmo motivo que o fez deixar de circular: a ideologia, mais propriamente dita, a falta dela. Deixando de lado as questões de cunho administrativas e os baixos recursos para a manutenção da estrutura do jornal, *Lampião* deixou de lado o poder de voz como veículo contestatório das estruturas sócias e passou a estampar a nudez masculina de uma forma descontrolada, com o objetivo de permanecer no mercado e enfrentar a concorrência, já que a censura estava a cada dia mais diluída.

Como os mercados de publicação estavam abertos e houve movimentos mais fortes pela democratização do país, *Lampião* perdeu espaço às publicações baratas, de baixa qualidade, sem linha editorial que veiculavam imagens de homens nus ou em poses eróticas. Algumas traziam na capa homens nus, com o pretexto de apresentá-los sob a ótica da prática do naturismo (relação de homens e mulheres nus em contato com a natureza), mas que trazia nas páginas cenas de sexo explícito entre homens. Essas publicações eram reflexos do consumo da comunicação como um produto da indústria cultural, um advento que propõe a produção em larga escala, visando basicamente o lucro com a comercialização de bens culturais e simbólicos⁶. Kucinsky (1991) afirma que *Lampião* começou elegante e terminou pornográfico, devido a interferência da indústria cultural.

No momento em que encerrou suas atividades, o jornal parecia mergulhado num vácuo: tinha abandonado o teor contestatório sem conseguir assumir as características de uma publicação voltada ao consumo (SIMÕES, FACHINNI, 2009, p. 110).

⁶ MATTELART;MATTELART, 2007

Como algo muito próximo ao natural, Lampião não resistiu às forças do capitalismo e há ausência da ideologia para continuar a tarefa. Sem posicionamentos inquisitórios, até por que essa situação tem um caminho natural por conta dos processos sociais pelos quais o País estava passando. Entretanto, o contexto da resistência social se esfarelou conforme a contingência maior do poder capitalista sob o modo de produção de conhecimento e informação, mesmo que o jornal tenha se tornado representante da imprensa alternativa quanto à temática homossexual e demais públicos marginalizados. Perdendo a identidade que o tornara como um símbolo da função libertária desses indivíduos. Logicamente, a intenção desse artigo não é de exterminar todas as publicações que apresentam a homossexualidade lida apenas pelo viés do desejo, apresentando homens nus e/ou em cenas de sexo explícito. A democracia deve prevalecer, bem como a produção, circulação e consumo de materiais desse teor. A questão crítica é a quase exclusividade dessas publicações para esse público com essa linha editorial.

Pós-modernidade

Mesmo dentro do pensamento marxista a história tem um percurso natural, o homem intervém nessa condição para que a própria história seja reconfigurada. Essa interferência do homem que faz a reformulação de conceitos que vão originar novas formas de relações sociais.

A tecnologia trouxe uma nova ordem cultural entre os seres humanos, recondicionando o tempo e o espaço devido à presença marcante da globalização, do sistema capitalista quanto ao modo de produção e da interferência da tecnologia como artefato da vida humana. (HALL, 2006).

Na contemporaneidade há a crise de identidades como forma de representação cultural, havendo um processo amplo de ressignificação de conceitos, abalando quadros de referências que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social.

Esse processo produz o sujeito pós-moderno, conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam.

[...]

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significações

e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente (HALL, 2006, p. 13).

Essa relação de crise pela reconfiguração de valores e conceitos é que marca da pós-modernidade. Ainda de acordo com Hall, essa dinâmica de representação cultural e de identidade é o reflexo da intervenção do homem frente ao desenvolvimento tecnológico e também de outras formas de apresentação do capitalismo.

.Dessa forma, a indústria cultural pode ser definida e interpretada como o conjunto de meios de comunicação (o cinema, o rádio, a televisão, os jornais e as revistas) que se tornaram um sistema poderoso para gerar lucros e por serem mais acessíveis às massas. Essas estruturas exercem uma forma de manipulação e controle social (HORKHEIMER, 1985). Sendo assim, a indústria cultural solidifica a mercantilização da cultura, como também é legitimada pela demanda desses produtos.

Para analisar o encerramento do jornal frente aos conceitos da pós-modernidade é perceber a interferência da indústria cultural como autora desses processos. O conceito do termo indústria cultural começou na Alemanha, na Escola de Frankfurt, nos anos de 1960 e 1970 para esclarecer a interferência dos conceitos capitalistas para a produção de bens e produtos culturais. O recorte desse artigo é a publicação *Lampião* e houve, em pouco mais de dois anos de atuação do jornal uma avalanche de publicações pornográficas em que a preocupação era da disseminação das imagens de corpos nus à ideologia de movimentos que prezavam pela ideologia de reconhecimento da cidadania de homossexuais.

Soluções alternativas

Na contemporaneidade lutar contra a tecnologia e a manifestação da globalização pode ser um movimento suicida da parte de quem se emprenha nessa missão. Como essas manifestações já estão enraizadas na cultura social da atualidade não há como (e nem deve) erradicar essas duas condições. Até, por que, elas são as manifestações sociais e de identificação do processo em que a sociedade se encontra, pela ressignificação do espaço e do tempo.

Voltar aos tempos em que a comunicação alternativa era concebida dentro de um modelo clandestino e marginal também poderá ser uma ação sem muita produtividade (como era produzido o jornal *Lampião*, mesmo havendo a venda em bancas, o jornal tinha como princípio ser xerocado e repassado a outras pessoas que não tinham acesso á

publicação), uma vez em que a participação social exige a interferência da tecnologia e dos conceitos da globalização.

Em meados dos anos 1990, um grupo de jornalistas fundou a revista Caros Amigos (Editora Casa Amarela). Com linha editorial com abordagens ao pensamento esquerdista e denunciando estratégias de dominação por grandes empresas de comunicação, a revista se apresentou com identidade muito forte ligada às publicações alternativas das décadas anteriores. Apresentando um estilo diferente da produção de informação, se posicionando de forma crítica frente às manobras do governo e sendo distribuída por todo o Brasil⁷.

Com tudo isso, uma vez que devido à tecnologia está presente no cotidiano da humanidade, movimentos sociais e comunicação alternativa poderiam utilizar dessas ferramentas para a propagação de ideologias e pensamentos críticos sobre a dominação pelo poder da comunicação. Mesmo que essa estratégia se relacione com as características das ações dos meios de comunicação de massa. Pois poderá haver a ideologia apresentada não de uma descontextualizada, pois o Estado não se apresenta como uma forma de censura como era nas décadas em Lampião e outras publicações circularam. Dessa forma, manteria a ideologia em atividade, de forma reconfigurada dentro dos conceitos da tecnologia.

Referências Bibliográficas

CANCLINI, Nestor Garcia. **Consumidores e Cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**: -Rio de Janeiro, editora UFRJ, 1999

CHAUÍ, Marilena. **O que é Ideologia?** : - São Paulo – Editora Brasiliense, 1984

FESTA, Regina. Movimentos Sociais, Comunicação Popular e Alternativa. In: FESTA, Regina; SILVA, Carlos Eduardo Lins da. (orgs.). **Comunicação Popular e Alternativa no Brasil** – Edições Paulinas, 1986.

GRINBERG, Máximo Simpson. Comunicação Alternativa: dimensões, limites e possibilidades. In: GRINBERG, Máximo Simpson (org.). **Comunicação Alternativa na América Latina**. Petrópolis: Vozes, 1987.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-modernidade**. Trad: Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro – 11ª Ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2006

HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

⁷ PEREIRA FILHO, Francisco José Bicudo. Caros Amigos e o resgate da imprensa alternativa no Brasil. São Paulo: AnnaBlume, 2004

KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e Revolucionário da Imprensa Brasileira**. São Paulo: Escrita Editorial, 1991

MATTELART, Armand; MATTELART, Michèle. **Histórias das Teorias da Comunicação**: - São Paulo: Edições Loyola, 2007.

MELO, José Marques de. **Comunicação: teoria e política**. São Paulo: Summus, 1985

MOREIRA, Roberto S. C.. **Teoria da Comunicação: ideologia e utopia, em busca de elementos teóricos para a leitura ideológica da indústria cultural**. - Petrópolis: Vozes, 1979.

SIMÕES, Júlio Assis; FACHINNI, Regina. **Na trilha do arco-íris: do movimento homossexual ao LGBT**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2009.